



## A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE MACHADO DE ASSIS NA OBRA DE SILVIANO SANTIAGO E DE JOSÉ ALMEIDA JÚNIOR

Delair Coelho<sup>1</sup>

Rosana Cristina Zanelatto Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** A figura de Machado de Assis desperta, no mínimo, a curiosidade de porquê ainda ser foco de olhares contemporâneos nas letras brasileiras. Sua figura é motivo de estudo não somente pelo seu trabalho literário publicado, mas também pelo prestígio alcançado em vida, sendo um escritor negro em um período escravocrata. Este artigo tem como ponto de partida uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da UFMS, sendo seu objetivo verificar como é construída a imagem desse escritor com base nos romances **Machado**, de Silvano Santiago (2017), e **O homem que odiava Machado de Assis**, de José Almeida Júnior (2019). Não se trata de buscar criar mais uma biografia do escritor; almeja-se sim analisar preliminarmente a maneira como esses autores constroem a imagem machadiana na criação de suas personagens. Silvano faz um recorte de 1905 a 1908 e apresenta a personagem no pós-morte de sua esposa, Carolina. Almeida Júnior traz à cena a visão narrativa de uma personagem ficcional, conhecida na infância do escritor, e que teve sua vida amorosa entrelaçada com a ele desde a adolescência, destacando o contexto histórico da escravidão. Utilizamos para a análise ora empreendida estudos sobre Machado de Assis, com destaque para Alfredo Bosi (2003), André Nogueira (2021), John Gledson (2006) e Lúcia Miguel Pereira (1936).

**Palavras-chave:** Machado de Assis. Literatura brasileira contemporânea. Silvano Santiago. José Almeida Júnior.

### **THE CONSTRUCTION OF MACHADO DE ASSIS'S IMAGE IN THE WORK OF SILVIANO SANTIAGO AND JOSÉ ALMEIDA JÚNIOR**

**Abstract:** *The figure of Machado de Assis arouses, at least, the curiosity of why it is still the focus of contemporary views in the Brazilian literature. His figure is the subject of study not only because of his published literary work, but also because of the prestige he achieved during his lifetime as a black writer in a period of slavery. The starting point of this article is an ongoing master's research project in the Graduate Program in Language Studies at the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS), with the aim of verifying how the image of this writer is constructed based on the novels Machado, by Silvano Santiago (2017), and O homem que odiava Machado de Assis, by José Almeida Júnior (2019). It is not about trying*

---

<sup>1</sup> Professora efetiva de Língua Portuguesa na rede estadual de MS e na rede particular de Campo Grande, MS. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL/UFMS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9712651689762232> | Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0431-6378>

<sup>2</sup> Professora Titular da UFMS. Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq (nível 2). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2002228440264598> | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9921-6765>

*to create another biography of the writer; we intended to analyze preliminarily the way these authors build the Machadian image in their characters' creation. Silviano builds a time frame from 1905 to 1908 and presents the character after the death of his wife Carolina. Almeida Júnior brings to the scene the narrative perspective of a fictional character, known to the writer during his childhood whose love life was intertwined with his since adolescence, highlighting the historical context of slavery. For our analysis we used studies on Machado de Assis, especially Alfredo Bosi (2003), André Nogueira (2021), John Gledson (2006) and Lúcia Miguel Pereira (1936).*

**Keywords:** Machado de Assis. Brazilian contemporary literature. Silviano Santiago. José Almeida Júnior.

## Introdução

O texto literário é a expressão artística que trabalha a palavra esteticamente, alcançando a singularização (Chklovski, 1978, p. 33) textual. Dessa forma, mesmo considerando relevante o ensaio **A morte do autor**, de Roland Barthes (2004), como reflexão importante para a análise teórica, não se pode desconsiderar que – como criação humana que é – o objeto estético se insere em um tempo definido e em um contexto histórico específico vivido por seu determinado criador, o que, por outro lado, não desconfigura a contemporaneidade de uma obra. Com isso, asseveramos que alguns escritores são tão instigadores de curiosidade quase tanto quanto seus próprios escritos, como é o caso de Machado de Assis.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu pobre, negro, em 21 de junho de 1839, quando o Brasil ainda estava sujeito à escravidão. Se considerarmos seu berço histórico, perceberemos os conflitos externos e interiores que um ser humano nascido sob essas condições social e racial terá sofrido. A vida desse escritor carioca experienciou mais dissabores com a perda da mãe aos seus nove anos de idade, a epilepsia, a viuvez e a doença que o levou à morte. Apesar de tantos pesares, Machado de Assis tornou-se um dos maiores escritores da Literatura Brasileira do século XIX, sendo ainda hoje foco de atenção não somente como autor, mas como personagem de obras literárias contemporâneas.

O objetivo deste artigo é investigar, ainda de modo preliminar, qual a imagem construída de Machado de Assis na literatura brasileira contemporânea, tendo como *corpora* os romances **Machado**, de Silviano Santiago, e **O homem que odiava Machado de Assis**, de José Almeida Júnior, ambos textos ficcionais, porém alicerçados em relatos

e em documentos históricos. Nas duas narrativas, esta última publicada em 2019 e aquela em 2016, Machado de Assis é uma personagem do enredo.

### **O Bruxo do Cosme Velho segundo Silviano Santiago**

Considerado um marco do realismo no Brasil, Machado de Assis e sua obra foram, ainda em vida, alvos de muitas especulações e de críticas. Após a sua morte, passou à personagem principal de vários estudos biográficos e literários, como os de Lúcia Miguel Pereira, que, em meados da década de 1930, publicou um importante texto sobre o escritor.

A ideia que fazemos dos grandes vultos é, quase sempre, tão diversa da sua personalidade real quanto às estátuas dos homens de carne e osso que foram um dia. [...] Machado de Assis não escapou à regra comum. Ao contrário. Prestou-se, como ninguém, a ser estereotipado. [...] Possuiu uma meia dúzia de gestos, hábitos e frases típicas, mantidos por uma certa tendência a se repetir. [...] E assim ficou sendo ‘o homem da porta da Garnier’ [...]; o ‘homem da Academia de Letras’ [...]; o ‘humorista subtil’ [...]; o ‘burocrata perfeito’ [...]; o ‘marido ideal’ [...]; o ‘absenteísta’ [...]. Com tudo isso, com essa série de rótulos, estava fixado, catalogado, pronto para receber as reverências da posteridade. (Pereira, 1936, p. 9-10)

Na contemporaneidade, o vencedor do Prêmio Jabuti de 2017 e do Prêmio Camões de 2022, Silviano Santiago, em seu romance **Machado**, faz um recorte na vida de Machado de Assis – de 1905 a 1908 – e apresenta aos leitores o Bruxo do Cosme Velho na solidão pós-morte de sua esposa, Carolina, período acompanhado intensamente de crises de epilepsia, doença que o acompanhará até seus últimos dias.

Machado de Assis se aproxima [...]. O andar desnorteado, o semblante desassossegado e as palavras desconexas do recente viúvo desqualificam não só a expressão dos sentimentos de compaixão que vinham sendo ensaiados por Laet<sup>3</sup> e seu colega do Colégio Pedro II, como também os cumprimentos afetuosos, embora tristes. (Santiago, 2017, p. 22-23)

O narrador nos apresenta um Machado alquebrado e quase desconectado da realidade ao redor, ele que foi um dos grandes leitores críticos dessa mesma realidade.

---

<sup>3</sup> “Carlos de Laet (Carlos Maximiliano Pimenta de Laet), jornalista, professor e poeta, nasceu em 3 de outubro de 1847, no Rio de Janeiro, RJ, e faleceu também no Rio de Janeiro em 7 de dezembro de 1927. Convidado para a última sessão preparatória da instalação da Academia, em 28 de janeiro de 1897, foi o fundador da cadeira n. 32, que tem como patrono Araújo Porto-Alegre” (disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/carlos-de-laet/biografia> Acesso em: 5 maio 2024.

O contexto histórico é o da República, e as reformas urbanas sofridas pela cidade de Rio de Janeiro são o pano de fundo da narrativa, modernizando a capital fluminense ao modo de uma Paris da América do Sul:

O olhar cismarento de Laet reganha o real: agora, o prédio que domina o largo é o moderno e amplo Edifício do Café, de três andares, projetado segundo o elogiado estilo compoteira, tomado de empréstimo dos arquitetos modernizadores de Paris. (Santiago, 2017, p. 25)

Além desse aspecto ligado à ambientação, no decorrer da leitura, a linguagem literária do romancista confunde-se com a dimensão crítica do ensaísta no enredo de **Machado**:

Não é a obra em si que se faz imortal pela graça e pela excelência geradas pelo trabalho diuturno do artista de posse dos mecanismos internos da composição. A arte pela arte é apenas uma tautologia de espiritualistas perdidos nas nuvens da estética romântica. Numa palavra é bazófia. Do lado de fora e também do lado de dentro do trabalho que faz, é o artista doente que se alonga e se robustece pelo esforço hercúleo, febril e inédito, cujo fim é esbanjar, no ato extenuante de criar, o que lhe falta e, no entanto, sobra nos companheiros e nos pares contentes com a mediania – a boa saúde, que é distribuída democraticamente à maioria dos mortais. (Santiago, 2017, p. 32).

Nessa perspectiva crítica, o narrador de Santiago difere a empreita de Machado de Assis para além da “bazófia” romântica, havendo um projeto a ser concretizado na labuta do escritor. Convém também ressaltar que, já no início do romance, Santiago relaciona Machado de Assis, instigante e curiosamente, ao escultor mineiro Aleijadinho e ao escritor francês Gustave Flaubert, este contemporâneo do autor carioca: “Machado, Aleijadinho, Flaubert... – a lista do seu interesse pessoal e recôndito se alonga” (Santiago, 2017, p. 36). Flaubert e Machado sofriam com a epilepsia e Aleijadinho, com a hanseníase; os três precisaram conviver com as limitações de doenças debilitantes e marcadas por estigmas sociais na época em que viveram. Suas expressões artísticas são marcos estéticos e mesmo políticos e não mera superação de condições corpóreas

No enredo de **Machado**, conhecemos a personagem Silviano, “companheiro de estrada” de Machado de Assis na busca por um lugar brasileiro nas literaturas dos séculos XIX e XXI:

As estradas das respectivas vidas perdem as balizas cronológicas para que, em rebeldia à sucessão dos anos e dos séculos, se transformem num único caminho, transitável por ele, o protagonista Machado, e por

mim, o personagem Silviano, *compagnons de route*, como dizem os franceses politizados. Seremos companheiros de caminhada, *bras dessous bras dessus*. (Santiago, 2017, p. 51).

A escolha do romance como gênero para que Santiago se metamorfoseie na personagem Silviano<sup>4</sup> traz a liberdade não somente de criação, mas também a vocação do próprio romance como um lugar de experimentações e de constante mutação. Segundo Alfredo Bosi (2003, p.29): “O romance é o reino do possível: inclui não só o real historicamente testemunhável mas o que poderia ter acontecido ou vir a acontecer.”

Esse “o que poderia ter acontecido ou vir a acontecer”, princípio da mimesis aristotélica, foi o campo propício para que, em face das lacunas biográficas e históricas, tanto Santiago quanto Almeida Júnior construíssem suas narrativas.

### **O criador de Bentinho sob a luz do ódio no romance de José Almeida Júnior**

Em uma linguagem cujo aspecto ensaístico não sobressai, **O homem que odiava Machado de Assis**, de José Almeida Júnior – vencedor, com o romance **Última hora**, do Prêmio Sesc de Literatura 2017 –, narra a vida do escritor carioca pelo olhar narrativo de uma personagem ficcional, conhecida desde a infância do escritor, e que teve sua vida amorosa entrelaçada com a dele a partir da adolescência, de forma irônica e mesmo trágica.

Depois de conversar com Carolina, pensei nas palavras de Sílvio Romero<sup>5</sup> sobre escrever minhas memórias. Teria que tomar a decisão de imediato. Caso não começasse logo a escrevê-las, as mãos trêmulas e a visão gasta pela idade não permitiriam que as concluísse. (Almeida Júnior, 2019, p. 14).

Vejamos que o narrador é instado pelo crítico literário Romero a apresentar o seu foco sobre os fatos que envolveram ele próprio, Carolina (a esposa de Machado) e

---

<sup>4</sup> Aliás, não é demais que nos lembremos que Bentinho, de **Dom Casmurro**, chama-se Bento Santiago.

<sup>5</sup> “Sílvio Romero (Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero), crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira, nasceu em Lagarto, SE, em 21 de abril de 1851, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de julho de 1914. Convidado a comparecer à sessão de instalação da Academia Brasileira de Letras, em 28 de janeiro de 1897, fundou a cadeira nº 17, escolhendo como patrono Hipólito da Costa. [...] manteve, durante algum tempo, uma grande má-vontade (*sic*) para com a obra de Machado de Assis, contra o qual chegou a produzir ataques de impressionante baixeza. Sua crítica injusta motivou Lafayette Rodrigues Pereira a escrever a defesa de Machado de Assis, sob o título *Vindiciae*” (disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia> Acesso em: 5 maio 2024.

o escritor. Em meio a esse triângulo, destaca-se o contexto marcado pela escravidão negra no Brasil.

O relato no romance de Almeida Júnior cobre desde o Machadinho e sua infância até seu funeral, com destaque para o processo de libertação dos escravos. Nesse contexto, assistimos à afirmação de um Machado de Assis “mulato” e toda a crueldade racial presente em sua vida, partindo do narrador-personagem:

Meu pai não admitia que nenhum escravo ou agregado sequer dirigisse a palavra a ele sem autorização. Como a matriarca de uma família rica e influente na capital permitia dividir a mesa com dois mulatos? (Almeida Júnior, 2019, p. 19).

Se no romance ora em discussão, somos apresentados a esse nível de discriminação, Bosi (2003, p. 34) afirma sobre a vida de Machado de Assis nessas condições:

Machado de Assis, nascido e criado no meio das assimetrias sociais brasileiras, tão agudas e persistentes, e olhando por dentro as perversões que as secundavam, aprofundou antes o veio negativo, cético e crítico, da Ilustração e da análise moral clássica do que o veio confiante do individualismo burguês, que teria no spencerismo do último quarto do século a sua expressão desenvolvida entre nós como em boa parte da cultura liberal do Ocidente.

Reafirmando a liberdade de romance ficcional e contando com um narrador-personagem como inimigo, o enredo por vezes apresenta o escritor carioca de forma irônica e mesmo desmerecedor do apreço angariado com sua literatura.

A história se passa sob a ótica de um sujeito fracassado, filho de um senhor de escravos, e que perdeu o seu objeto de desejo amoroso para um “mulato”, filho de outro “mulato” com uma imigrante portuguesa, e que ainda o viu tornar-se um dos nomes reconhecidos da literatura de sua época.

Aqui, faremos uma consideração sobre a negritude machadiana: Machado de Assis sofreu, ao longo dos anos, um processo de embranquecimento, fruto do preconceito racial do século XIX e que perdura até hoje. O seu obituário o designava como “branco”, e sua máscara mortuária e as fotos reproduzidas do escritor desde então não contribuíram para recuperar a sua identidade afrodescendente. Com os protestos da comunidade negra, surgiu a campanha *#machadodeassisreal*, encontrada no site da

Universidade Zumbi dos Palmares<sup>6</sup> (São Paulo) e nas redes sociais, a fim de atualizar a raça Machado de Assis. Vale destacar um pedido que se faz aos visitantes do site acadêmico: “Assine o abaixo-assinado para que as editoras e livrarias deixem de imprimir, publicar e comercializar livros em que o escritor aparece embranquecido e substitua a imagem preconceituosa pela foto de Machado de Assis real.”<sup>7</sup>

Na obra de José Almeida Júnior, a identidade negra machadiana é bem ilustrada e cabe destacar a fala recente (2021) desse autor para o site UOL<sup>8</sup>:

Retratar o mais importante escritor brasileiro como negro é uma correção histórica, que garante às novas gerações conhecer o Machado de Assis real. Devido à importância da campanha, a editora interrompeu o processo de produção do livro e alterou a foto de Machado de Assis na capa.

Reiteramos que não é nosso intento criar uma biografia machadiana por meio das leituras feitas; trata-se, sim, de observar a maneira como, no caso do romance **O homem que odiava Machado de Assis**, o narrador-personagem destaca a negritude de Machado como um índice de inferioridade em relação a si mesmo.

### **Conclusão: a relevância da construção da imagem machadiana na literatura brasileira contemporânea**

Apresentar Machado de Assis não é uma tarefa fácil. Segundo John Gledson (2006, p. 7):

Machado é certamente um grande escritor, de estatura internacional, mas como justificar isso, mostrá-lo, seja para estrangeiros, seja para brasileiros? Ele não é de fácil classificação, com a consequência de que a prática corrente de aplicar uma determinada teoria a um autor é ainda menos provável de funcionar no seu caso.

É preciso levar em conta o teor ficcional, uma leitura atenta e o mapeamento do olhar tanto de Santiago quanto de Almeida Júnior sobre a figura que se quer desenhar. Consoante Alfredo Bosi (2003, p.7): “A descrição reconhece e mapeia as visadas distintas de um olhar que não queria perder nenhuma dimensão essencial do seu objeto; mas, como toda análise, requer o momento da compreensão.”

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://zumbidospalmares.edu.br/projetos/machado-de-assis-real/>

<sup>7</sup> A campanha pode ser encontrada neste site, em uma reportagem de maio de 2019: <https://revistaraca.com.br/campanha-de-universidade-recriefoto-de-machado-de-assis-para-retratalonegro/>

<sup>8</sup> O site de notícias UOL fez uma matéria, em 2021, a respeito do embranquecimento sofrido por Machado de Assis e trouxe o posicionamento de José Almeida Júnior, entre outros.

Além da afirmação da permanência não só da obra machadiana, mas também da figura de Machado de Assis, destacamos que mesmo tendo nascido pobre e negro ele sobreviveu a um contexto escravocrata e ainda alcançou celebridade em uma sociedade recém ingressa na República e racista, sobressaindo graças à qualidade de sua literatura e à sua presença intelectual.

A afirmação de Lúcia Miguel Pereira (1936, p. 192) é pertinente para este trecho de nosso texto:

Desde menino, trabalhara duramente, para conquistar o seu lugar ao sol. E o conseguira. Ainda não tinha completado quarenta anos, e, voltando os olhos para o passado, via uma longa carreira, quase um quarto de século de vida literária. À custa de muitos esforços, lutando contra o pior dos inimigos, a doença insidiosa e implacável, contra a pobreza, contra a maldição da cor humilhante, ia vencendo. E agora, que aplainara todas as dificuldades, a ameaça do fim, do nada, do grande silêncio.

Para além dos enfrentamentos que Machado de Assis teve ao longo de sua vida, graças aos estudos sobre o racismo, hoje os pesquisadores estão revendo o embranquecimento a que ele foi submetido depois de sua morte.

Pautando-nos, assim, em uma metodologia bibliográfica, é necessário posicionar-nos como leitores-pesquisadores dos romances de Santiago e de Almeida Júnior, debruçando-nos sobre o tratamento da figura machadiana por ambos, cada qual com suas especificidades.

## Referências

ALMEIDA JÚNIOR, José. **O homem que odiava Machado de Assis**. São Paulo: Faro Editorial, 2019.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4217539/mod\\_resource/content/4/Barthes\\_%20a%20morte%20do%20autor.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4217539/mod_resource/content/4/Barthes_%20a%20morte%20do%20autor.pdf) Acesso em: 27 set. 2022.

BOSI, Alfredo. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003. Disponível em:

<https://www.pdfdrive.com/machado-de-assis-o-enigma-do-olhar-d194584951.html>

Acesso em: 2 nov. 2022.



CHKLOVSKI, Viktor. A arte como procedimento. *In*: EIKHENBAUM, B. **Teoria da literatura: Formalistas russos**. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1978. Disponível em: <https://professordiegodelpasso.files.wordpress.com/2016/05/teoria-da-literatura-formalistas-russos.pdf> Acesso em: 4 nov. 2022.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: Ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NOGUEIRA, André. Machado de Assis: o grave erro com a imagem do maior escritor da história do Brasil. AH Aventuras na História – UOL. 19 mar. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/machado-de-assis-conheca-o-grande-erro-de-seculos-com-a-imagem-do-bruxo-do-cosme-velho.phtml> Acesso em: 27 set. 2022.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: Estudo crítico e biográfico**. São Paulo: Editora Nacional, 1936. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/155/1/73%20PDF%20%20OCR%20%20RED.pdf> Acesso em: 02 nov. 2022.

SANTIAGO, Silvano. **Machado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.